



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**Adrian Geovana Nunes Gomes (3)**

**(depoimento)**

**2017**

**CEME-ESEFID-UFRGS**

## FICHA TÉCNICA

**Projeto:** Garimpendo Memórias

**Número da entrevista:** E-847

**Entrevistada:** Adrian Geovana Nunes Gomes

**Nascimento:** 05/04/1990

**Local da entrevista:** Casa da Entrevistada – Bairro Floresta – Porto Alegre

**Entrevistador:** Natália Bender

**Data da entrevista:** 25/01/2018

**Transcrição:** Natália Bender

**Copidesque:** Natália Bender

**Pesquisa:** Natália Bender

**Revisão Final:** Silvana Vilodre Goellner

**Total de gravação:** 26 minutos e 5 segundos

**Páginas Digitadas:** 13 páginas

**Observações:**

Entrevista realizada para a produção da pesquisa de Natália Bender intitulado *A Ginástica Artística no Rio Grande do Sul: a trajetória esportiva da atleta Adrian Gomes*.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

## **Sumário**

Família da atleta e lembranças da infância; Período de treinamento no Núcleo de Base da Ginástica de Alto Rendimento na ESEFID; Treinamento junto a seleção brasileira; Colegas de treinamento no Núcleo de Base; Estrutura do Núcleo; Relação com os técnicos e outras atletas da seleção brasileira; Condições de treinamento na seleção e distância da família durante esse período; Retorno ao clube Grêmio Náutico União; Participação nos Jogos Olímpicos; Lesões; Período que cursou Educação Física; Falta de apoio do clube; Treinamento da modalidade do Esqui Aéreo nos Estados Unidos; Incentivo da família no esporte e nos estudos; Trabalho como professora de Dança e fábrica de chocolates em casa; Considerações finais.

Porto Alegre, 25 de janeiro de 2018. Entrevista com Adrian Geovana Nunes Gomes a cargo da pesquisadora Natalia Bender para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte

N.B. – Bom Adrian, eu gostaria que tu falasse um pouco mais sobre a tua família, teus pais são daqui de Porto Alegre mesmo, a origem da tua família é daqui mesmo?

A.G. – Então, na verdade eu não sei se meu pai é daqui ou se ele é de Bagé. Porque eu sei que ele viveu lá um tempo, mas a minha mãe é daqui, eu sou daqui e o resto é tudo daqui.

N.B. – Tu tem três irmãos?

A.G. – Dois, dois.

N.B. – Dois, contigo são três.

A.G. – Isso, uma menina e um menino.

N.B. – Isso, e qual o nome da tua mãe?

A.G. – Vera Lúcia.

N.B. – E do teu pai?

A.G. – Geovane.

N.B. – Com o que eles trabalham?

A.G. – O meu pai é chefe de expedição da Zero Hora<sup>1</sup> e a minha mãe é empregada doméstica.

---

<sup>1</sup> Jornal Zero Hora.

N.B. – Acho que a gente já falou um pouco na outra entrevista sobre a tua infância. O que mais tu te lembra do cotidiano da tua família durante a infância, durante o período que tu treinava?

A.G. – Deixa eu ver... Acho que eu lembro mais da minha mãe me levando nos treinos, do meu pai me levando, às vezes ele me levava no Marinha<sup>2</sup> ali para correr, para andar de bicicleta. De eu brincando na rua até bem tarde, que eu gostava muito. Indo na minha falecida vó, mãe do meu pai, eu ia bastante lá, gostava muito de lá. Deixa eu ver... Ah, e de muito treino.

N.B. – Sim, a tua infância foi...

A.G. – Foi treino (Riso).

N.B. – Na última entrevista tu comentou sobre tu ter treinado um período no Núcleo de Base da ESEF<sup>3</sup>. Eu gostaria que tu falasse um pouco desse período, do que tu lembra.

A.G. – Então, na verdade foi assim: eu tinha parado de treinar, que nem eu te falei, e eu não queria mais treinar, não queria mesmo. E aí o meu pai fez de tudo para eu entrar lá. E eu fui falar com o Sérgio<sup>4</sup>... Na verdade não fui eu que fui falar, foi o meu pai. E ele falou com o Sérgio e o Sérgio disse que eu poderia ficar lá, que ele me dava treino, sem problema nenhum. E aí ele me ajudou um monte, fiquei lá eu nem sei quanto tempo, acho que de 2005 a 2008 ou 2009, 2008 eu acho. Foi bem legal, foi uma experiência bem legal apesar de eu não querer mais treinar. Acho que depois de um ano eu comecei a gostar assim, e treinava.

N.B. – E porque tu não queria mais treinar naquela época?

A.G. – Porque eu já tinha enchido saco da ginástica. (Riso) E aí eu não queria mais, assim, perdi o gosto.

---

<sup>2</sup> Parque Marinha do Brasil.

<sup>3</sup> Núcleo de Desenvolvimento do Esporte de Base ESEFID-UFRGS.

<sup>4</sup> Sérgio Strighini.

N.B. – Antes disso tu chegou a ir para a seleção?

A.G. – Sim, fui. Acho que um ano antes ou uns nove meses antes.

N.B. – E o que tu lembra dessa época que tu foi para lá?

A.G. – Foi uma época bem sofrida para mim porque era uma coisa muito regrada e eu não estava preparada psicologicamente. Fisicamente eu estava, mas psicologicamente não. Eu acho que eu era muito pequena. Eu acho que eu tinha uns quatorze quase quinze. E aí eu me lembro que a gente não podia comer muito, a gente tomava bastante laxante. Eu lembro que se a gente engordava um pouquinho tinha que fazer força dobrado. A gente treinava muito, de verdade, a gente não podia sair da casa que a gente tinha. E só assim. Ao mesmo tempo em que era sofrido, eu gostava, de treinar lá, o professor até gostava bastante de mim, o Oleg<sup>5</sup>.

N.B. –E gostaria que tu falasse um pouquinho de como foi na ESEFID. Tu começou treinando com o Sérgio e depois foi com a Lisiane<sup>6</sup>, ela era auxiliar técnica dele?

A.G. – É, a Lisi era auxiliar. Quando eu cheguei ela já estava lá, e ela foi ginasta dele se eu não me engano também. E ai é que nem eu te falei: eu não queria e meu pai chegou lá, falou com o Sérgio, a Lisi já estava e aí eu comecei treinando com o Sérgio; era o Sérgio mais que me dava treino e depois de um ano a Lisi começou a pegar mais assim.

N.B. – E como era a relação com as colegas de treino? Tu tinha alguma colega lá que tu te identificava mais?

A.G. – Na verdade todas eram muito menores que eu. Eu era a mais velha disparada assim, eu tinha os meus dezesseis e o resto tinha nove.

N.B. – Sim.

---

<sup>5</sup> Oleg Ostapenko.

<sup>6</sup> Lisiane Lewis Xerxenevsky Bergue.

A.G. – Acho que até menos se bobear.

N.B. – E tu lembra como é que era a estrutura do núcleo, os equipamentos... Eu sei que vieram equipamentos muito bons para lá.

A.G. – Eu não lembro exatamente o ano, mas quando eu entrei, os equipamentos eram muito ruins, mas muito ruins mesmo. Daí nesse ano que eu lembro chegaram os outros e aí ficou bem melhor. Que na época eram os tops, que agora já não são mais, que já vieram outros bem melhores. Mas na época eram os melhores que tinham.

N.B. – Pensando que o Núcleo é diferente de um clube como é que era a questão financeira e o apoio para as competições?

A.G. – Na verdade para mim era a mesma coisa. Não mudou muito porque a gente não pagava nada. O Sérgio e a mulher dele sempre correram atrás dos patrocínios, das coisas, dos colans... Não mudou nada assim. Eles davam um jeito de conseguir essa ajuda de custo por fora, o projeto não dava conta disso, dava mais conta da estrutura e eles corriam atrás. Mas tendo a estrutura estava ótimo, o resto a gente corria.

N.B. – E nesse período tu chegou a ser convocada para ir para a seleção<sup>7</sup>?

A.G. – Não, não, não. Acho que não. Deixa eu ver... Não, não fui porque no final de 2007 eu machuquei. Eu rompi o tendão de Aquiles e depois, no início de 2008 ou ao contrário, alguma coisa assim, eu rompi de novo. Foi aí que eu fui parando de treinar.

N.B. – Então nesse período tu não foi para a seleção.

A.G. – Não, não fui para a seleção. Eu fui para a seleção acho que dois anos depois, em 2010.

N.B. – E nesse período tu já estava no...

---

<sup>7</sup> Seleção Brasileira de Ginástica Artística.

A.G. – Eu parei de treinar de novo, fui trabalhar em uma cafeteria, ali do lado do União<sup>8</sup>, que hoje nem existe mais inclusive. E eu comecei a treinar em 2009 e em 2010 eu fui para a seleção de novo.

N.B. – E tu acha que tem relação com uma questão política para ir para a seleção? Por exemplo: tu estando no Núcleo era mais difícil do que tu ir do que no momento que tu estava no Grêmio Náutico União?

A.G. – Na verdade é tudo uma questão política. A seleção é uma questão política! Às vezes tu não precisa, tu pode ser boa, mas se tu for gorda tu não entra, no padrão deles né. E eu sempre fui mais cheinha e na época que eu treinava com o Sérgio eu era mais cheinha do que eu sou. Aliás, do que eu sou não, do que eu era, no caso. Normal. E quando eu fui para o União, eu não sei dizer o que realmente aconteceu, mas, nesse um ano, de 2009 a 2010, eu emagreci muito, ganhei muita massa muscular e melhorei bastante também. O Sérgio, óbvio me ensinou muitas coisas que eu em quinze anos treinando não consegui. Quinze não, dez. Eu não consegui. Em três anos ele fez praticamente um milagre, só que eu não me ajudava, que nem eu te falei, eu não queria mais e depois, 2009 daí eu emagreci, a gente tinha um apoio nutricional no União que na ESEF<sup>9</sup> a gente não tinha.

N.B. – E como é que foi essa transição de tu resolver parar de treinar ali no Núcleo e ter ido trabalhar em uma cafeteria?

A.G. – Foi uma coisa meio difícil porque eu fiquei nessa cafeteria três meses só. O resto do tempo eu fiquei, 2008 inteiro e um pouco de 2009 eu fiquei... Não sei, apaguei eu acho, da memória. Eu fiquei me recuperando da lesão que eu tive, mas é só o que eu lembro, não lembro de mais nada. Só lembro depois da cafeteria. Mas eu ia trabalhar na cafeteria eu fui porque tinha que fazer alguma coisa da vida, eu não podia ficar parada em casa... Mas foi bem tranquilo.

---

<sup>8</sup> Grêmio Náutico União de Porto Alegre.

<sup>9</sup> Atualmente ESEFID - UFRGS, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança

N.B. – O momento que tu decide parar de treinar enquanto tu estava na ESEF. O que aconteceu?

A.G. – Foi porque eu arrebentei o tendão duas vezes seguidas, não teve uma pausa assim, e aí eu pensei: eu não quero mais aquilo, eu não quero mais! Era muita lesão, uma em cima da outra.

N.B. – E aí desanimou.

A.G. – É.

N.B. – Tu foi convocada pela primeira vez em 2005 e tu falou que foi convocada de novo em 2010 e depois em 2012 para os Jogos Olímpicos de Londres, né?

A.G. – Isso. 2010 já eram outras pessoas que estavam na seleção, não eram as mesmas.

N.B. – Quem era? Tu lembra quem era?

A.G. – Era a Irina<sup>10</sup> ai mudou a coordenadora era a Georgette Vidor, se eu não me engano; era Liane<sup>11</sup>, uma coisa assim, mas já não era as mesmas pessoas. O Oleg já não estava mais, a mulher do Oleg já não estava mais, a Nádia<sup>12</sup>... Acho que depois, uns dois anos depois eles já voltaram.

N.B. – E tu te lembra como era a relação com os técnicos e as outras meninas? Porque tem muito essa questão da competição entre as meninas da seleção.

A.G. – Sim. Tinha umas que disfarçavam bem, mas outras que não conseguiam disfarçar. Eu nunca consegui, eu nunca soube disfarçar, “Ah, se eu não gosto de ti eu não gosto de ti.” Eu vou falar o básico, o necessário e deu. Não vou te tratar mal, óbvio, mas tinha gente lá que não conseguia fazer isso. E dos técnicos é a mesma coisa. Sempre foi assim, sempre,

---

<sup>10</sup> Iryna Ilyashenko.

<sup>11</sup> Nome sujeito a confirmação.

<sup>12</sup> Nome sujeito a confirmação.

e as gurias... A gente se dava bem assim, nunca ninguém... Já se pegaram assim de sair se estapeando, mas não comigo, mas já se pegaram... Mas depois fica tudo tranquilo porque, querendo ou não, vamos supor, se tu fosse ginasta também, eu ia precisar da tua nota, por mais que eu não gostasse de ti. Para eu subir no palco eu ia precisar de ti, então, a gente sempre se ajudou dentro do ginásio, dentro das competições. Sempre se ajudou. Fora era cada um por si e Deus por todos.

N.B. – E os técnicos, tu lembra como é que era? Tinha alguma...

A.G. – Eu lembro que tinha uma que não gostava de mim, que era a Irina. L em 2005 ela não gostava de mim. Em 2010 eu já não sei se ela gostava ou se ela me aturava, mas depois eu lembro que ela veio e falou para mim que ela gostava de mim, que eu tinha mudado muito, que eu era outra pessoa, que eu não era a mesma pessoa de 2005...

N.B. – E vocês ficavam em alojamento, nesse período, tu te lembra disso?

A.G. – Não, na verdade a gente ficava mais aqui em Porto Alegre do que... Eu, no caso, e elas lá. Daí quando estava perto de um evento, alguma coisa assim a gente se juntava. Um mês antes, dois meses antes, para competir ou enfim, e aí era mais eu que ficava indo e vindo, indo e vindo...

N.B. – E tu acha que essa questão de tu estar mais distante atrapalhou em algum momento?

A.G. – É ruim, é ruim, por quê? Porque eu estava sempre longe da minha família, elas não. Então meu psicológico estava sempre um ponto a menos e elas iam para casa, elas dormiam com os pais. Eu não. Eu ia para o hotel dormir sozinha, e aí eu estava sempre um passo atrás, se tu for pensar.

N.B. – E tu chegou a ganhar bolsa atleta?

A.G. – Ganhei. Ganhei bolsa atleta em 2006, depois 2012, 2013 e 2014.

N.B. – Tu parou de competir em 2014?

A.G. – Parei em 2014.

N.B. – E quando tu estava trabalhando na cafeteria tu foi convidada pelo clube para ir para o Grêmio Náutico União, para voltar para lá?

A.G. – Foi assim: tinha uma amiga minha que estava treinando lá ainda, desde que eu era pequeninha. Ela ainda estava lá e na época eles estavam sem ninguém para completar para o campeonato brasileiro que ia ter em Porto Alegre. E aí essa minha amiga tinha me encontrado lá, viu que eu estava trabalhando lá, daí falou para a técnica lá do clube: “Encontrei a Adrian, não sei o quê...” Daí ela falou: “Vê se ela não quer voltar a treinar”. Atirou né e aí eu “Tudo bem, volto.” E voltei!

N.B. – E sobre esse período que tu treinou no União até a ida aos Jogos Olímpicos, tem mais alguma coisa que tu queira acrescentar? A lembrança de algum momento que foi importante?

A.G. – Acho que não. Acho que eu te relatei tudo.

N.B. – Sobre a participação nos Jogos Olímpicos... Tu já vinha sentindo dor na coluna antes de viajar?

A.G. – Já, desde do início do ano ou final de 2011, eu não lembro, eu tenho os exames ali direitinho... Eu já estava sentindo, mas eu não lembro. Mas foi esse período assim.

N.B. – E tu acha que tu ter sido escolhida para ser titular da seleção durante os Jogos... A comissão técnica estava sabendo que tu estava nessa condição? Que já vinha sentindo dor? Tu acha que pode ter sido uma estratégia ruim deles terem te colocado já como titular?

A.G. – Não, não foi ruim porque para nós que trabalhamos quatro anos para chegar naquilo ali e saber que tu vai ser reserva é complicado. É complicado saber que tu trabalhou quatro anos para ser reserva. Eu prefiro nem ir. Então é melhor a gente saber que vai competir,

que a gente vai... Porque senão é um esforço em vão, é a mesma coisa a Copa do Mundo, os Jogos Pan-Americanos... A gente treina para competir, não para...

N.B. – Não pra ficar na reserva.

A.G. – Se alguém diz: “Talvez tu vá competir...” Daí tu está te matando para nada. É bem complicado.

N.B. – Sobre a questão da lesão, tem mais alguma coisa que tu queira falar?

A.G. – Sim, eu sinto até hoje. Inclusive ontem eu fui fazer um exame, eu estou quase travando as costas, eu tenho esses picos. Não é sempre não. É a cada mês, é por período, eu não sei o período certinho, mas vira e mexe eu dou uma travadinha.

N.B. – Além do tendão de Aquiles, tu teve alguma outra lesão, uma outra dificuldade durante o período que tu treinou?

A.G. – Tive. Eu, deixa eu lembrar aqui. Eu operei o ombro direito, eu teria que operar o esquerdo também, porque eu também tenho essa lesão, mas, não rolou. Deixa eu ver... Eu tenho umas hérnias de discos, tenho essa artrose que eu te falei, tenho... Fraturei o pé esquerdo se eu não me engano, mas isso eu era bem nova, eu tinha dez anos. O punho também eu fraturei. O cotovelo também...

N.B. – Foi uma dificuldade que tu teve durante esse período que tu treinou, as lesões...

A.G. – Sim, me limitaram bastante. No início eu nem dava bola, acho que até os meus vinte e dois anos, eu não dava bola para lesão: “Não dá nada, a gente vai ali e faz de novo, vai recuperar.” Porque eu via muitas pessoas se recuperando de lesão e voltando a treinar numa boa e tal e eu pensava: “Se a pessoa pode, porque eu não posso também?” Depois desse período eu fiquei pensando assim: “Mas o corpo é meu. Se eu me lesionar eu vou ficar com sequela, eu vou ficar com dor, eu vou ficar com cicatriz e vai ser para o resto da minha vida.” Não vai ser a minha amiga do ladinho que vai me ajudar na fisioterapia o

resto da vida, entendeu? Aí eu comecei a pensar assim e esse foi um dos motivos que eu parei.

N.B. – E então tu começou a cursar Educação Física?

A.G. – Comecei.

N.B. – Pelo que eu lembro que tu falou na outra entrevista. Tu cursou quanto tempo?

A.G. – Eu cursei dois anos, quatro semestres ,eu acho. Se eu não me engano foi isso.

N.B. – Tu desistiu mais ou menos no período que tu parou de fazer ginástica?

A.G. – Isso, eu desisti em 2014... 2015 eu acho. Porque daí eu comecei a entrar em uma depressãozinha e eu não queria mais saber de esporte, não queria mais saber de nada, nem na tv, nem nada. Daí eu fui para uma outra área, totalmente diferente.

N.B. – Tu quer falar mais alguma coisa sobre esse período?

A.G. – Ah, foi bem complicadinho para mim porque eu não tive suporte do clube. Eu não tive suporte do tipo: “Adrian, não vai largar assim, não se larga de uma vez. Fica vindo aqui um pouquinho...” Até me disseram isso, só que daí eu ia para o ginásio, eu ia para o clube e as pessoas ficavam me olhando com cara feia porque eu pedi para parar de treinar. Daí eu resolvi não ir mais. Eu preferi ficar em casa e fazer outra coisa. Eu fui fazer curso de cabelo, fiquei acho que uns dois anos, não fiquei um ano fora dessa parte do esporte. Eu tentei voltar a fazer um pouquinho de ginástica porque o pessoal do circo me mandou um e-mail perguntando se eu estava treinando e tal. Eu comecei a voltar a treinar, para tentar ir para o circo e aí eu travei total, travei muito as costas e não rolou.

N.B. – Sim.

A.G. – Não rolou mais. Depois eu fui para o esqui, também não deu certo. Te contei?

N.B. – Eu cheguei a ler uma reportagem que tu ia para os Jogos Olímpicos de Inverno.

A.G. – Isso, então, daí eu fui, mas aí também comecei a sentir dor nas costas e a minha perna começou a falhar; numa dessas eu desci da rampa, a perna falhou e eu bati com a cabeça na ponta da rampa, desmaiei na água. Na verdade, depois que eu bati a cabeça eu não me lembro de mais nada. Eu estou te contando o que me disseram, que eu desmaiei na água e aí fui para a ambulância, e eu acordei numa hora lá e só falaram que eu dizia que a minha cabeça estava doendo, estava doendo, estava doendo. Daí eu começo a lembrar no hospital, quando eles me tiram da maca para botar na outra maca do hospital. Só. Daí lá eu fiz exames e eu nem lembro de nada. Daí eu tentei, fiquei quinze dias sem poder ver a luz do sol. Guria, a minha cabeça doía enlouquecidamente. Eu tive uma concussão cerebral e um traumatismo craniano. E nesses quinze dias, a gente estava quarenta dias nos Estados Unidos treinando e eu fiquei quinze sem fazer nada. E a gente voltou. Daí quando a gente foi de novo para os Estados Unidos, eu contei para a minha mãe o que aconteceu. Deixei para contar quando eu voltei porque tu sabe como é o susto: a minha mãe infarta aqui e eu lá. E eu disse para a minha mãe: aconteceu isso e isso e ela não queria que eu voltasse mais. Eu disse: “Não, não mãe, vou tentar”. Tentei, mas eu não sei, acho que o psicológico afetou o corpo porque eu não conseguia mais descer a rampa. Guria, eu me mijava inteira. Eu dizia para o meu treinador: “Eu não vou conseguir, eu não consigo.” Eu tremia inteira, dos pés à cabeça.

N.B. – Inclusive tem a Laís<sup>13</sup>, a gente sabe toda a função...

A.G. – Sim.

N.B. – Já tinha acontecido isso com ela na época que tu estava treinando?

A.G. – Já.

N.B. – Tu te lembra em que ano que foi isso?

---

<sup>13</sup> Laís Souza.

A.G. – Foi um ano antes. Foi em 2015, acho que é em 2015, 2016.

N.B. – E como foi essa experiência assim de ir para os Estados Unidos e treinar lá?

A.G. – Foi legal. Guria, se eu não tivesse batido a cabeça eu acho que eu estava até hoje nesse mundinho. Mas daí aconteceu isso. Mas eu gostava bastante de fazer. Sempre gostei de adrenalina essas coisas.

N.B. – Quando tu parou de treinar tu pensou em virar técnica, teve algum incentivo dos seus técnicos?

A.G. – Eu queria muito virar técnica, mas até falaram para mim... Que nem eu te falei, até falaram para mim: “Vem, fica vindo, não sei o quê...” Mmas é aquela coisa: tu prefere ficar em casa do que ir para o ambiente de trabalho e ver cara feia, e ver as pessoas cochichando de ti.

N.B. – E qual era a opinião da tua família na questão tanto de tu continuar no esporte, de tu fazer faculdade, fazer Educação Física?

A.G. – O meu pai sempre quis que eu fizesse faculdade, não interessa qual fosse. Sempre quis. Quando eu parei ele até ficou meio assim, mas acho que ele entendeu a situação. Porque ele também foi atleta e também parou de repente. Mas até hoje ele fala. “Tem que voltar a estudar.” Ele fala para mim, fala para a minha irmã, fala para o meu irmão... Quando eu parei de treinar ele entendeu porque eu já tinha me machucado uma vez na coluna e ele sabe que coluna não é brinquedo.

N.B. – Na outra entrevista que a gente fez, acho que tu comentou de um período que tu deu aula de ginástica em uma academia...

A.G. – Não, na verdade eu dei aula na Sogipa<sup>14</sup>. Eu estava como estagiária na Sogipa, mas daí começaram com aquela fofquinha, porque tem muita disputa entre um clube e outro, e

---

<sup>14</sup> Sociedade Ginástica de Porto Alegre

aí começaram com fofoca: “A Adrian não devia estar aí porque ela está com contrato ainda.” Mas eu já não estava mais, e eu de saco cheio, foi um momento que eu quase entrei em depressão porque eu resolvi largar o esporte. Hoje eu dou aula de ginástica, mas é dentro de uma academia de dança, então, eu convivo muito mais com a dança do que com a ginástica.

N.B. – Então hoje tu está atuando...

A.G. – Eu sou instrutora de dança. Na minha carteira está isso, instrutora de dança, mas eu dou mais aula de ginástica do que de dança.

N.B. – E agora, além disso, eu estou vendo que você também está vendendo trufas. Além da aula de ginástica... E também tem o bebê...

A.G. – Tá crítico. Na verdade, agora eu estou de férias. Eu voltei de licença, trabalhei um mês e saí de férias. Eu volto agora dia 5 de fevereiro. Então vai ser meio corrido porque como tu viu ali, a gente tem uma mini fábrica de chocolate, a gente faz trufa, a gente faz pão de mel, faz ovo de chocolate. Agora para a Páscoa vai ser uma loucura e ainda tem ele, o bebê. Então vai ser bem corrido.

N.B. – Então Adrian, muito obrigada. Eu não sei se tu quer colocar mais alguma coisa, alguma coisa que tu te lembra, algum momento que foi mais difícil, um momento que foi muito significativo da tua carreira?

A.G. – Não, não, acho que não. Acho que todos os momentos legais e chatos eu te contei assim. Não, acho que é isso.

N.B. – Tranquilo. Então tá. Eu te agradeço pela disponibilidade.

A.G. – Capaz, eu que te agradeço. Ainda bem que a gente conseguiu fazer.

[FINAL ENTREVISTA]